

MUNICÍPIO DA

Chamuſca

OLHARES NO FEMININO

EXPOSIÇÃO

CATARINA CENTENO . PAULA ARAÚJO . ROSÁRIO SOUSA



COM O NOSSO OLHAR SIMPLES, Ó CHAMUSCA, PINTA-SE E ESCREVE-SE DUMA VILA BELA.
ASSIM A TERRA BRANCA DE GENTE FUSCA, SERÁ SEMPRE MOTE DE AMOR POR ELA.

IN OLHARES DA CHAMUSCA



CATARINA CENTENO . PAULA ARAÚJO . ROSÁRIO SOUSA

BIBLIOTECA MUNICIPAL RUY GOMES DA SILVA

10 MAR A 06 ABR

OLHARES NO FEMININO

A presente exposição mostra-nos diferentes olhares sobre a Chamusca, levando-nos numa viagem pelas belezas naturais e humanas que esta vila tem para nos oferecer.

Neste trajeto, feito através de diferentes olhares, no feminino, a viagem por esta vila ribatejana é feita através da pintura de duas mulheres, Catarina Centeno e Rosário Sousa, que fizeram da Chamusca seu lar. Inclui também as palavras atuais de Paula Araújo, que leciona nesta vila há muitos anos, e ainda a poesia de diferentes mulheres que, no passado, expressaram o amor a esta sua terra: Elvira Brogueira, M^A Manuel Cid, M^A Marques Carvalho ... e a elas, na inauguração da exposição, junta-se Maria Coelho que também vai homenagear, através da sua jovem voz, a mulher e a Chamusca.

Neste mês dedicado a elas... Mulheres inspiram mulheres!

Catarina Centeno- Pintora autodidata que gosta de transmitir na sua pintura elementos tipicamente portugueses. A pintura não tem sentido se não traduzir o sentimento do seu autor, refletindo o que é o que quer, deseja e sente. Estes trabalhos expostos, refletem um misto de movimento, forma, cor e em alguns, um impressionismo de formas. Nesta conjugação entre poesia e realidade, surgem ilustrações de temas tradicionais e relativos à nossa terra.

Rosário Sousa mostra-nos, através das suas obras, o seu olhar sobre a Lezíria, o Tejo e os cataventos da igreja matriz. Chama a atenção para o pormenor de uma simples janela e para os bordados na jaqueta de um campino e num avental de mulher... A sua pintura reflete as tradições locais, numa tentativa de as manter vivas e perpetuar as suas memórias. Também as suas obras se interligam com a poesia local.

Para enaltecer o projeto comum, Paula Araújo, com a sua arte da escrita, deu o seu contributo na poesia, partindo das obras aqui apresentadas. As suas palavras darão uma tonalidade poética e uma visão da Chamusca, que se revela nas pinceladas plásticas das parceiras deste projeto, pretendendo preencher-lhes com seus os versos alguns dos traços pintados.

Na inauguração vai-se juntar a jovem voz de Maria Coelho, que nos vai presentear com uma pequena interpretação, com fundo musical, onde a sua voz irá certamente fazer referência ao feminino.

MULHERES INSPIRAM MULHERES!

QUADRAS POPULARES

Pedi a Deus um conselho
Para encontrar alegria
Deus mostrou-me a terra e disse:
“Trabalha, semeia e cria!”

(ANÓNIMO)

Se souberes plantar a semente
A alegria não te há de faltar
Porque Deus dá vida contente
A quem souber dela cuidar.

E se a semeias com amor
Dela virá uma boa sementeira
Quem cria com gosto e fulgor
Terá boa criação a vida inteira.

Quem colhe da terra o fruto bem
No lugar onde cresce o que semeou
Sabe agarrar como ninguém
A alegria que disseminou.

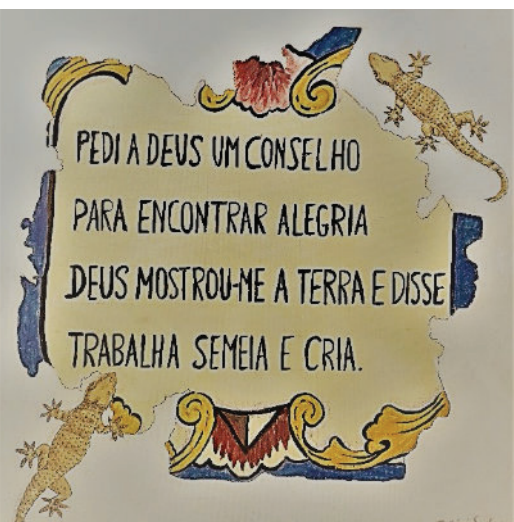
E se muito conseguir trabalhar
Para obter grande sabedoria
Deus acabará por me dar
A chave da alegria.

O conselho bom que pedi
Deus mo soube ofertar
Trabalhei o que consegui
Semeei, criei para me alegrar.

Resta-me assim a certeza
Que tentei logo versejar,
Mesmo sem grande beleza
Escrevo versos a rimar.

Encontrei então a alegria
Nesta minha popular criação
Porque sempre que alguém cria
Também semeia com devoção.

PAULA ARAÚJO



“Um poeta popular
Diz em versos o que sente
Pode dizer mil mentiras
Mas nos versos nunca mente.”
IN: “QUADRA SOLTA”, DE ELVIRA BROGUEIRA

“Quadra popular” . Acrílico sobre tela
ROSÁRIO SOUSA

OLHARES DA CHAMUSCA

Geraram-te mulher, Chamusca bela,
Pincelada nas tuas cores da alegria.
Esticaram-te pela campina singela
os toiros bravos de tinta sombria.

Cavalos montados com destreza
exibem os trajes de arrojo e suor,
quando engalanados com beleza
entregam-se à faina com fulgor.

O teu retrato dos meus jovens dias,
lembra-se saudoso no nosso olhar,
das tuas gentes de lutas sadias,
de voz quente sempre a reinar.

Aquecem-te com tinto as goelas
e ensaiam acordes do fado maior.
Adormecem-te nas noites belas
ou no leito aguado de um luar pior.

Chamusca, porto da Lezíria serena,
dona de um cais regaço de gentes,
que aportavam afoitas na água plena
ou esticavam as suas redes urgentes.

Pescavam os peixes doces e certos
das bateiras, barcas e árduas canoas
e envolviam-se no sonho dos avieiros
dando asas penosas às Tágides boas.

Ó Chamusca enlaça a nossa poesia
nas tuas terras margens de aluvião!
Espalha a seara multicolor de dia
aquecendo-a no teu sol de paixão.

Ainda escuto as mulheres lavando
no seu porto de partidas fluviais.
Batem roupa dos que vão chegando
e choram os que não voltam mais.

Mulher arrojada de bravura taurina
e como elas lavas o teu belo rosto.
Mantém a jovialidade de uma menina
e trabalha animada até ao sol-posto.

Com o nosso olhar simples, ó Chamusca,
pinta-se e escreve-se duma vila bela.
Assim a terra branca de gente fusca,
será sempre mote de amor por ela.

Chamusca, se os nossos olhos te amam é
porque sabem bem o que é amar...
Não carecem da beleza que clamam,
deixando para sempre este nosso olhar.

PAULA ARAÚJO

NA PONTA DE UM CORNO

Na ponta de um corno
pego-te no olhar,
bandarilho-te a pele,
a carne, os ossos...
e começamos a lutar
nesta lide da vida
que me impele
para ti, dono de mim.
Os campos foram nossos,
e minha a investida
com coragem e pujança
sem fim.
Fizemos uma aliança,
um casamento sem anel,
um laço sem nó
de uma união ferida:
Bandarilho-te com fel
e ficas só
não te restando lembrança,
nem memória viva.
Gemes de sangue lento,
manchado no pó.
Perco-te de mim.
Deixo-te para sempre
e, num momento,
Sinto-me vencedor
porque venci o animal
numa luta irracional...
mas sinto-me Homem.
Sinto-me poderoso,
intenso,
herói,
agarrado à tradição,
preso à Ascensão,
e famoso,
pronto para voltar a tourear
na dura lide,
e numa luta desigual.

E na ponta de um corno,
pegarei um novo olhar
e irei bandarilhar
um novo coração.

PAULA ARAÚJO



FUGIU A MINHA CAPONA

Eu vi um toiro, o “Sujeito”,
Desafiar o “Possante”,
A coisa de mais respeito
Que um homem tem por diante (...)

IN POEMAS, MARIA MANUELA CID

PEGA

PEGA

Prende com os braços o cachaço
Com a tua força adamastora
E não te venças pelo cansaço,
Cedendo à impulsão avassaladora.

Na cara do toiro pega a vida,
Nos cornos de sangue jorrando,
Nunca dês essa luta por perdida
Entre eles vais sempre lutando.

PAULA ARAÚJO

(...) O teu calção d'ouro antigo
No teu corpito, forçado.
Lembra a seara de trigo
Antes do grão ser cortado.
A jaqueta de ramagem
Onde sonhando antevejo
Toda a cor, toda a imagem
Dos campos do Ribatejo (...)

IN POEMAS, MARIA MANUEL CID



PEGA DESENHO CATARINA CENTENO

A TENTA

A TENTA

(...) Depois vi tourear com o capote,
E também a cavalo muita vez,
Qualquer poeta pega neste mote
E faz um fado assim bem Português (...)

IN POEMAS, MARIA MANUEL CID



Com alento se marca o touro,
com arte a lide é uma beleza,
e de um engenho duradouro,
se faz a tourada uma riqueza.

Riqueza do povo chamusquense,
Riqueza dos afoitos ribatejanos,
que conservam o que lhe pertence
desde longínquos passados anos

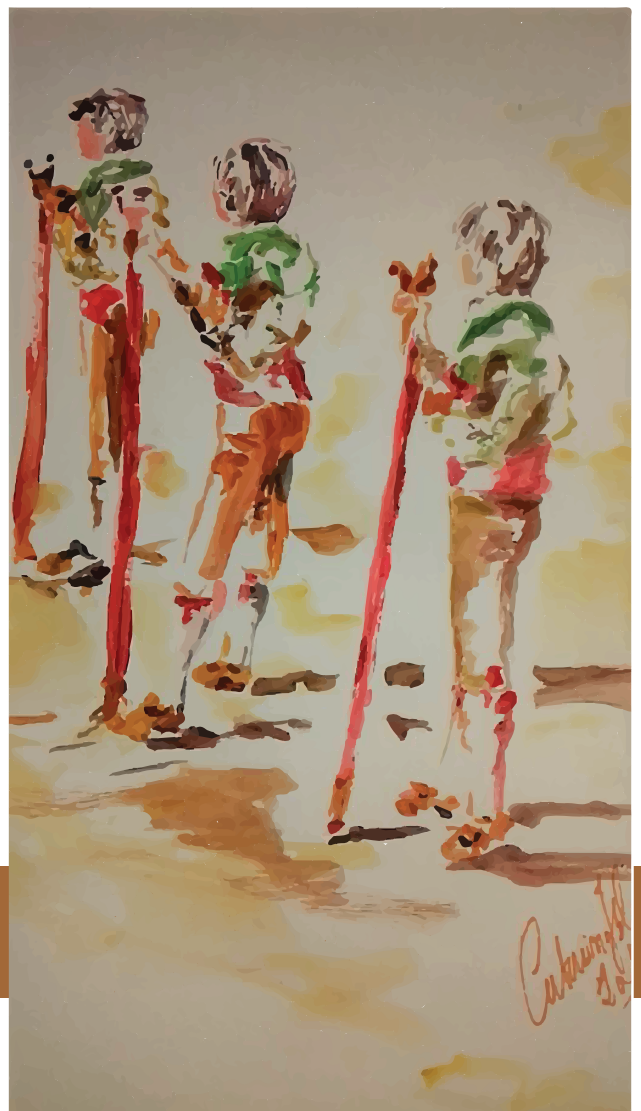
PAULA ARAÚJO

A TENTA - AGUARELA CATARINA CENTENO

CORTESIAS

Formam-se corpos aprumados
na lide taurina da formatura.
Estão alegremente engalanados,
avivando a praça de uma vida dura.

PAULA ARAÚJO



CORTESIAS - AGUARELA CATARINA CENTENO

DESCANSO



DESCANSO

Campino que cavalgas nos campos vastos
Não esqueças que montas um suporte.
Tem quatro patas, ferradas nos cascos
Ampara-te dos bois, livra-te da morte.

PAULA ARAÚJO

DUAS ÉGUAS DA PARELHA

(...) Nas longas tardes de estio
Quando o calor é mais quente,
Vou com elas ao bravio
Beber água do rio,
Olhar o sol poente...

DESCANSO - AGUARELA CATARINA CENTENO

CAMPINO

CAMPINO

Campo, campino, campestre,
Gado, bovino, agreste,
Cabo, touro, tourada
Forcado, rabujador, vacada
Cor, colorido, verdejante,
Cavalo, a pé, ajudante
Traje, trajado, preceito
Jaqueta, colete, peito
Fado, fandango, mandado
Rancho, costume, dançado
Moda, hábito, tradição,
espiga, quinta-feira,
Ascensão.

PAULA ARAÚJO

“E nesse dia do ano
Batia com desatino
Em cada ribatejano
Um coração de campino”

IN: “PERGUNTA O POVO AO PASSADO
PASSADO” POEMA DE M^ª MANUEL CID



CAMPINO - ACRÍLICO EM TELA SOLTA ROSÁRIO SOUSA

FAENA

FAENA

A capa suspende a bandarilha cortante
Sustem a coragem de um bandarilheiro.
Conquista o sangue naquele instante
num arrojado lança sempre certo.

PAULA ARAÚJO



FAENA
DESENHO CATARINA CENTENO

PORQUE DEUS QUIS

... Não tenho medo da morte,
A minha sorte
É ser feliz,
Sou igual a toda a gente
Vivo contente
Porque Deus quis...

IN POEMAS, MARIA MANUEL CID

CIGANO

“É Quinta-feira da espiga
Vem comigo rapariga
Tenho a parelha engatada...
Os meus cavalos russilhos
Já viram passar os pampilhos
E fogem, não tarda nada.”

IN: “VEM COMIGO RAPARIGA”,
POEMA DE M^ª MANUEL CID



CIGANO

Negra é a copa alta do teu chapéu
marcada pela tradição da raça cigana.
Revela-se a pele escura como o bréu
de uma linda progenitora raiana.
Aparelha a égua forte para a parada,
para uma corrida sem qualquer destino,
ou uma reunião de irmãos aguardada
para a defesa da tua honra no desatino.
Aprestando o teu animal bem aparelhado,
arranjando-o para te pores a caminho.
Não lhe ponhas as crinas num entrançado,
porque não se deve sentir aprisionado,
quando deveria cavalgar livre e sozinho
para comer a espiga colorida no Prado.

PAULA ARAÚJO

CIGANO - ACRÍLICO SOBRE TELA SOLTA. ROSÁRIO SOUSA

SELVAGEM

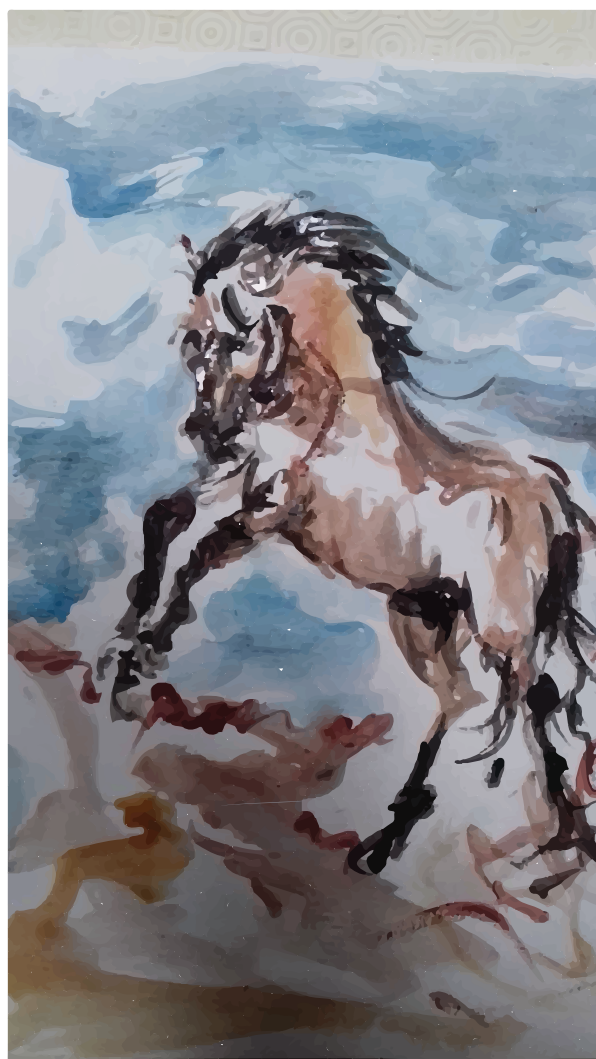
SELVAGEM

Selvagem solto manso amansado
Vibra o momento estampado na tela
Corre nos prados salta a cancela
Bravio livre perdido capturado
Esgota a liberdade presa na cela
Crinas ao vento dorso com sela
Vive o destino de ser amado

PAULA ARAÚJO

(...) O meu cavalo alazão
É orgulhoso talvez.
Por ser calçado da mão
E ter sangue português (...)

IN POEMAS MARIA MANUEL CID



ALAZÃO - AGUARELA. CATARINA CENTENO

MULHER À JANELA



MULHER À JANELA - ACRÍLICO EM TELA SOLTA
ROSÁRIO SOUSA

MULHER À JANELA

Segura manta mulher, segura a manta!
Agarra-a com a tua devoção.
Vê a ascensão que se levanta
Pelas ruas em multidão.
Que o vento não colha a tua manta,
que o sol não queime a tua cabeça,
que a chuva não afaste a gente tanta,
de ver a ascensão nada te impeça.
Segura manta mulher, segura a manta!
Que a tua espiga seja muito frutuosa.
Te traga a paz e a sorte que se canta,
O pão, o azeite e uma vida airosa.

PAULA ARAÚJO

“É Quinta-feira da espiga...
Foguetes, embolação
Movimento e alegria
Quinta-feira d'Ascensão
É diferente É outro dia”
IN: “QUINTA-FEIRA DE ASCENSÃO”
POEMA DE MARIA MANUEL CID

AVENTAL BORDADO

AVENTAL BORDADO

Estende o avental na saia colorida com um manto de flores bordadas. Num campo de rendas trabalhadas, procura o canteiro certo da vida. Se colheres rosas lindas sem espinhos, apanhares malmequeres para te enfeitar, encontrarás rapaz honrado para te beijar em camas de papoilas pelos caminhos. Cuida que o avental não seja um tormento, nem o início de uma caminhada perdida, mas um adereço festivo para casamento. Um dia acalmarás o avental da tua vida e no seu ventre acolherás um rebento que te dará família de amor construída.

PAULA ARAÚJO



AVENTAL BORDADO - ACRÍLICO,
E BORDADO SOBRE TELA SOLTA
ROSÁRIO SOUSA

“Curva-se a mãe para beijar o filho”
Curva-se a mondadeira para mondar o milho
Curva-se o pedreiro fazendo o telhado
Curva-se a bordadeira para o seu bordado”
IN: “CURVA-SE”,
EXCERTOS DO POEMA DE ELVIRA BROGUEIRA

JANELA



JANELA - ACRÍLICO SOBRE TELA
ROSÁRIO SOUSA

JANELA

Da minha janela para o mundo
vejo a minha vila tamanha.
Consigo nesta vã façanha
ter um sentimento profundo.
Sinto a terra que me abraça.
Sinto a cor dela unida a mim.
Sinto a pedra que me dará fim.
Sinto a cruz branca na vidraça.
E o vermelho da cercadura
Prende-me ao que é familiar
e da minha vida peculiar
resta uma história madura.
As rugas avançam no parapeito,
o caruncho e as brechas na madeira,
mas sinto sempre à minha maneira
o meu mundo sem dor nem despeito.
Da janela desta minha reflexão,
vejo a minha história na Chamusca,
como quem a harmonia busca,
procuro nestes versos a paixão.

PAULA ARAÚJO

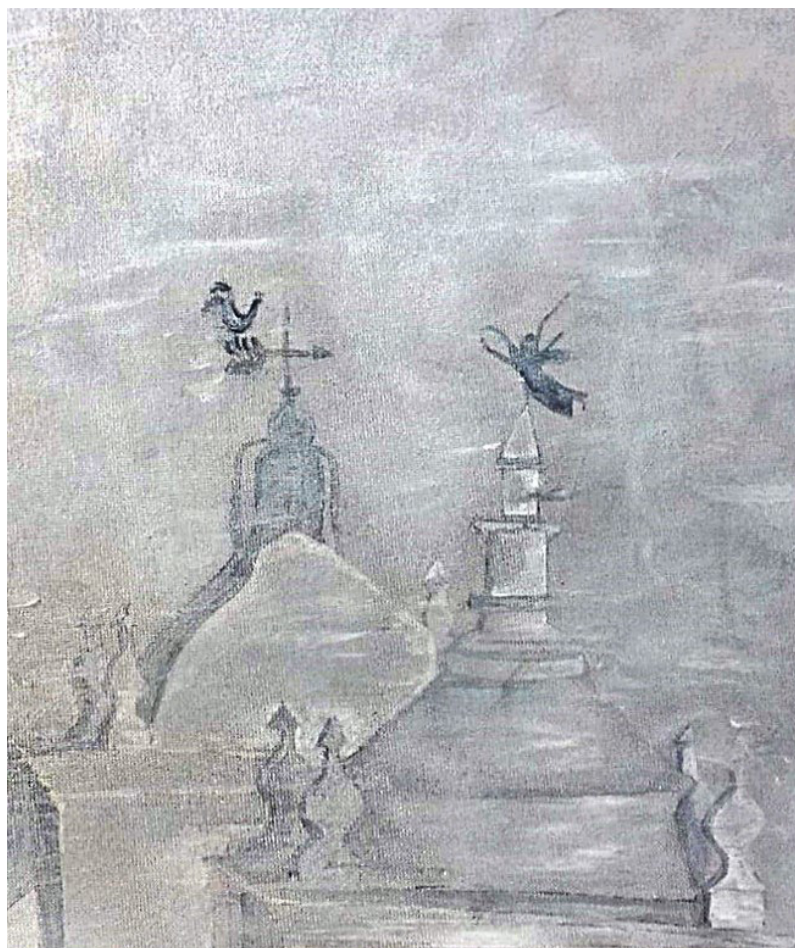
“Naquela casa vazia
Onde mora a solidão
Houve em tempos alegria
Em tempos que já lá vão”
IN “NAQUELA CASA VAZIA”, POEMA
DE M.^a MANUEL CID.

CATAVENTOS

CATAVENTOS

Cativos estão na chaminé,
Seguros em ferro trabalhado.
Seguram-se na telha em pé.
Giram em dia ventado.
Cata o galo, agarrando as penas,
Cata o peixe, as barbatanas,
Cata a oliveira azeitonas plenas,
Cata o anjo as asas planas.
Desenhos belos catam os ventos,
que os homens souberam criar.
Na tradição fizeram-se inventos,
que irão para sempre perdurar.
Cata o Santo a sua santidade,
Cata a Santa o seu bem-querer
Cata o dono da casa, dignidade,
E manda o sino catar a valer.
Deseja-se que sobre o vento,
para a imagem poder rodar.
Que leve longe o tormento
para a felicidade ali morar.
Cá da terra, nas ruas idosas
existem belos cataventos.
Uns tornam as casas airozas,
ou afastam maus pensamentos.

PAULA ARAÚJO



CATAVENTOS - ACRÍLICO SOBRE TELA SOLTA
ROSÁRIO SOUSA

“Despi-me de lamentos, de vaidades
Onde julguei haver eternidades
De falsos pensamentos deformados.
Fiquei liberta de forjar ideias,
Rasguei fronteiras e abri cadeias
E lavei-me em céus enevoados”

IN: “SEM ABRIR CAMINHOS”,
POEMA DE M^ª MANUEL CID

ASCENSÃO



ASCENSÃO - DESENHO
CATARINA CENTENO

ASCENSÃO

Colhe-se o toiro amparado na arena
de uma corrida afamada e aplaudida
Do curro não regressa à praça plena,
no curro aguarda-o o abate da vida.

PAULA ARAÚJO

VEM COMIGO RAPARIGA

É quinta-feira da espiga...
Quero chegar cedoinho,
Ver de perto o burburinho
Que precede a toirada:
Ouvir estalar os foguetes
E ver vestir os coletes
A toda a rapaziada (...)

IN POEMAS MARIA MANUEL CID

MIURA

MIURA

Airoso, potente e dominante,
encontra-se o toiro na campina.
De olhar travesso e possante
vai mascando a erva e a bonina.

Espera o momento da investida.
Espera o momento da ascensão.
Numa praça de gente garrida
que grita e o atíça em ovação

PAULA ARAÚJO



O PEÃO E A BANDARILHA

(...) Sai lesto como um tornado
Astes finas de “Miura”,
Na teia treme o forçado
Enquanto a faena dura (...)

IN POEMAS, MARIA MANUEL CID

ÓLEO SOBRE TELA
CATARINA CENTENO

LEZÍRIA DO TEJO

A MINHA LEZÍRIA

Campina do Ribatejo
Onde meu olhar perdi
Se há dias que não te vejo
Tenho saudades de ti.

É tamanho o horizonte
Que nos deslumbra ao nascer.
Que se julga ter na frente
Todo o mundo para ver(...)

IN POEMAS, MARIA MANUEL CID



LEZÍRIA DO TEJO - ACRÍLICO SOBRE TELA
CATARINA CENTENO

SOU TUA...

Sou tua, sou tua, Tejo!
Deito-me nos teus braços
para acalmar o mal dos meus tormentos
e descanso os cansaços de dias
em que os pensamentos
me dão sinal que preciso de abraços.
Procuro nas margens os salgueiros;
procuro as sebes esteiras;
enrolo-me nos amieiros
e encontro mil maneiras
para me deitar contigo.
Repousa o meu olhar,
enchendo-me tardes inteiras
com o teu sol amigo
até ao toque do teu luar.
Quem me dera ser eterna
a tua força e pujança!
Quem me dera ter esperança,

Quem me dera ter esperança,
a nossa relação terna,
e não se esvaziar num leito seco,
num colo morto...!
Que ficasses gigante,
ficasses torto,
mas corresses sempre forte, como dantes!
Para manter constante e em bonança,
o nosso amor.

PAULA ARAÚJO

MISERICÓRDIA

E TRISTES REZAM OS SINOS

Na tarde que a noite abraça
Dobra o sino das Ave-marias;
Pede ao céu perdão e graça
P'las culpas dos nossos dias (...)

IN POEMAS MARIA MANUELA CID



MISERICÓRDIA - ACRÍLICO SOBRE TELA
CATARINA CENTENO

MISERICÓRDIA

Alimentarás sempre a fé do povo,
Que vê em ti um cómodo refúgio,
Desde o pequeno mais novo,
Ao idoso só sem subterfúgio.

Tua grandeza é a nossa menoridade,
Tua exultação é a nossa calma.
Quando em ti rezamos de verdade
Iremos achar a paz na alma.

PAULA ARAÚJO

BARCO NA CHEIA

O MEU BARQUINHO

Espera o barquinho;
aguarda por mim.
Não sabe o caminho,
não sabe o meu fim.
Prepara a viagem,
apronta o seu norte
para ter a coragem
de me levar à sorte.
Os remos poisados
para as minhas mãos
são braços dobrados,
são como irmãos.
O barquinho atado
espera o meu sim.
Baloíça cansado,
esperando por mim.
Não chores barquinho,
eu estou a chegar
para te dar carinho
quando me sentar.
Remaremos sem destino,
remaremos para sonhar
na aventura, pequenino,
para outro lugar.
O rio estará brando,
a jornada bem calma.
Que vá serenando
o âmago da alma.
Espera o barquinho;
aguarda por mim.
Não sabe o caminho,
não sabe o meu fim.

PAULA ARAÚJO



BARCO NA CHEIA - AGUARELA
CATARINA CENTENO

CORTINAS DE BRUMA

(...) Ao meu cais hei-de voltar
Prender o barco de seguida.
Só tarde me fiz ao mar.
Mais marés hão-de chegar
À praia da minha vida (...)

IN POEMAS, MARIA MANUEL CID

LEZÍRIA

“LEZÍRIA ARDENTE, FÉRTIL E CLARA

Quase infinita,
Onde se perde o nosso olhar.
Imensa e verde
Ondula a seara, toda fermente
Parece o mar”

IN: “TERRA SAGRADA”

POEMA DE M^A MARQUES DE CARVALHO



LEZÍRIA...

Se a minha lezíria fosse uma tela
mandava-a pintar de verde e ouro.
Construía-lhe uma moldura bela,
mais preciosa do que um tesouro.
Se as águas a quisessem inundar
molhava-a doce e calmamente,
para que a bicharada pudesse matar
e nunca murchasse doente.
Se a seca me tirasse o alimento
verteria lágrimas de tristeza
e para suportar o sentimento
cantaria com toda a firmeza.
Lezíria, em ti há uma canção
que acompanha as aves a chilrear
e se aprenderes o eterno refrão
para sempre irás perdurar.

PAULA ARAÚJO

LEZÍRIA - ACRÍLICO SOBRE TELA
ROSÁRIO SOUSA

TEJO

TEJO

Quando o Tejo cria um caudal,
inunda as margens ribeirinhas.
Correndo potente, dá o sinal
que alagará terras vizinhas.
É belo, o seu grande dorso!
São imensos os seus braços!
No seu rápido e fugaz curso,
com ele erijo os meus laços.
Essa paisagem tão divinal
apaixona-me sem ter fim.
Desejo-te o intenso caudal;
anseio ver-te sempre assim.

PAULA ARAÚJO

“Ao pensar no que fui
Comtemplo as tuas águas
Ó doce Tejo amigo...
Corres entre os salgueiros
E contigo
Vão correndo as minhas mágoas.”

IN: “À BEIRA DO TEJO”,
POEMA DE MARIA MARQUES DE CARVALHO



TEJO- ACRÍLICO SOBRE TELA
ROSÁRIO SOUSA

CEGONHA



CEGONHA - AGUARELA
CATARINA CENTENO

CEGONHA

Olhar atento sobre a campina,
cuidas o ninho da procriação,
escondes-te da ave de rapina,
nutres a tua magra criação.

O lugar te espera ano a ano,
o lugar breve de nidificar.
A estação não leva ao engano.
Sabemos quando vais voltar.

PAULA ARAÚJO

SENTADA À BEIRA RIO

Cedo aprendi a cantar
Sentada à beira do rio (...)
(...) Enquanto o vento movia
O salgueiral enramado (...)

IN POEMAS, MARIA MANUEL CID

ZÉ POVINHO

EU CÁ SOU O ZÉ POVINHO

Beba lá mais esta,
Amigo Manel...
Só a água fria
Dá cabo do fel;

Não se faça de parvo,
Prove lá mais esta,
Ande lá p'rá frente
Qu'ê dia de festa...

IN POEMAS MARIA MANUEL CID



ZÉ POVINHO- AGUARELA
CATARINA CENTENO

O suco perdido num copo de vinho
encontra alguém na perdição,
refresca a alma do Zé Povinho,
dando-lhe ao corpo mais sensação.

PAULA ARAÚJO

QUARTÕES

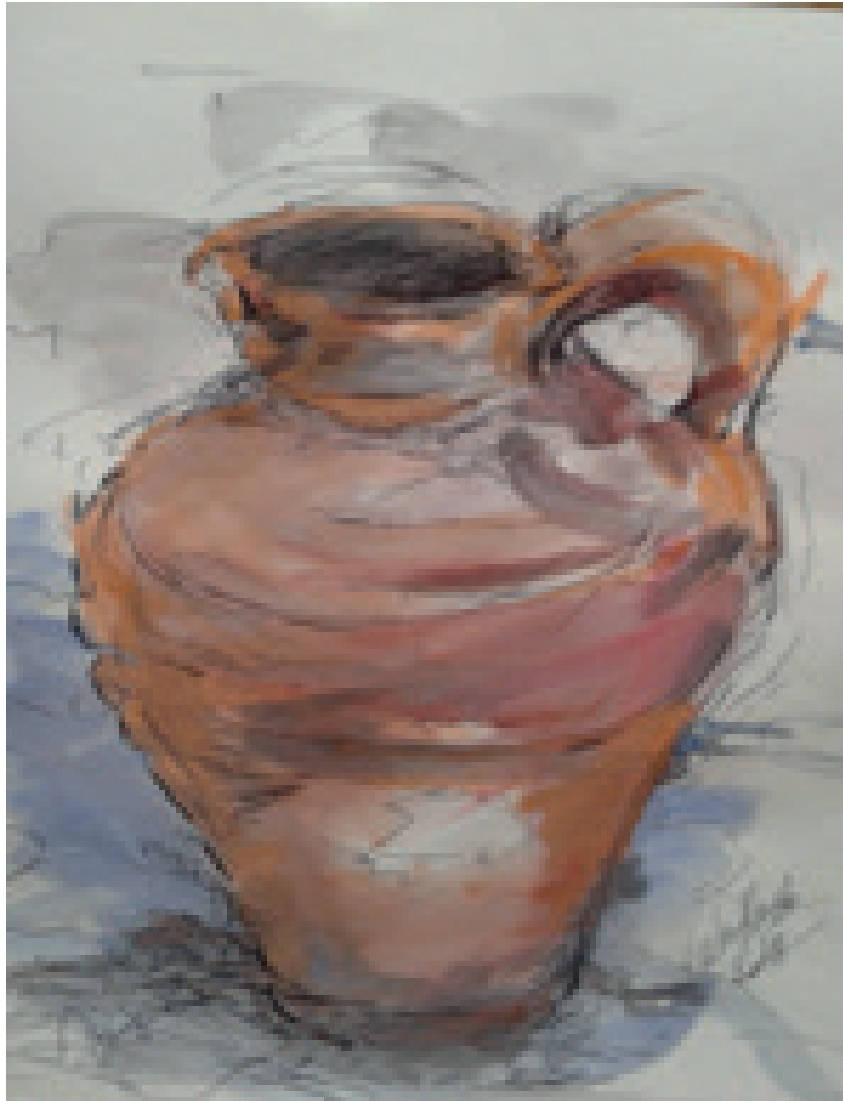


QUARTÕES - AGUARELA
CATARINA CENTENO

Ergue-se o mausoléu dos agricultores,
símbolo da sua grandiosidade,
da terra foram sempre doutores,
tratando da sua enfermidade.
Uniram-se para tratar das colheitas,
e das coletas conjuntas também,
fizeram negociações às direitas
neste casarão que a Chamusca tem.

PAULA ARAÚJO

QUARTÕES



QUARTÕES - AGUARELA. CATARINA CENTENO

(...) Que importa ter nascido na cidade
No campo, na lezíria ou no Morão!
Há raça da melhor na mocidade
Que não deixa morrer a tradição...

IN POEMAS, MARIA MANUEL CID

A vasilha nos cala a sede urgente,
de barro fresquinho no ardor.
Segue no campo muita gente
que se quer refrescar do calor.

PAULA ARAÚJO

PRIMAVERA

“MADRE NATUREZA

Minha segunda mãe,
Só tu me dás teu grande coração,
No esplendor das estrelas,
Na verdura da Terra,
No céu azul, no mar, no rio
No suave florir da Primavera”

IN: “À BEIRA DO TEJO”

POEMA DE M^ª MARQUES DE CARVALHO

PRIMAVERA

Não choro a tua azáfama ardente
que fui vendo na estação gelada.
Estive quase forçadamente ausente.
Assim, não choro a partida anunciada.
Não choro a dor da neve derretida;
não choro o crepitar forte na lareira,
O queimar da tua parede aquecida,
que ardeu na casa a invernia inteira.
Apaga o teu triunfo duradouro
e deixa-me vingar no tempo meu.
Para que no reinado vindouro
possa enfim reinar no meu céu.
Sou devota das cores da alegria;
tenho dias mais amenos e cálidos.
Anseio plantar flores na pradaria,
no calor dos meus seios pálidos.
Os meus braços abraçam felizes
depois de tanto tempo estagnada.
Desejam tocar as aves petizes
que tivestes cativas uma temporada.
Dá-lhes a liberdade de poder voar.
Dá-lhes a vontade de poder partir.
Não as prendas no quente lugar,
se querem breves para mim fugir.

PAULA ARAÚJO



A PRIMAVERA - TÉCNICA MISTA SOBRE TELA SOLTA
ROSÁRIO SOUSA

A PRIMAVERA - TÉCNICA MISTA SOBRE TELA SOLTA
ROSÁRIO SOUSA



MUNICÍPIO DA

ChamuSCa

O Coração do Ribatejo